



O TRABALHO PEDAGÓGICO E A INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA COM BEBÊS EM ESPAÇOS EDUCATIVOS: INTERAÇÃO, CONTEXTO E CULTURA

Gardia Maria Santos de Vargas - UFRGS

Resumo

Trata-se de um relato de pesquisa, em nível de doutorado, que tem como objetivo investigar o trabalho pedagógico realizado nas escolas infantis com crianças de zero a dezoito meses. Apresenta como questionamento os aspectos necessários para o atendimento dos bebês e crianças bem pequenas em espaços coletivos de educação infantil. A presente pesquisa visa uma investigação que se proponha olhar os bebês como um seres ativos e competentes, desta forma, pensar em uma proposta teórico-metodológica que contribua para o desenvolvimento de práticas e subsídios para as escolas infantis. O caminho metodológico escolhido foi o de um estudo etnográfico, considerado apropriado à interpretação da ação nos contextos educativos. Uma pesquisa com orientação etnográfica incorpora os pressupostos que a constituem, assim considera-se que este estudo localiza-se na área da Educação, mas se utiliza de pressupostos teórico-metodológicos das Ciências Sociais para o conhecimento de uma realidade. Os dados são analisados com fundamentação nos estudos sociológicos e antropológicos da infância, que se propõe a ver o desenvolvimento humano como um processo cultural. Dentro dessa perspectiva olhamos para os bebês de zero a dezoito meses, como seres ativos e capazes de produzir interações e aprender e se desenvolver de forma ativa e competente, inseridos em uma cultura.

Palavras-chave: Educação de bebês, interação, cultura e aprendizagem.

Introdução

Nas últimas três décadas, vem aumentando cada vez mais a atenção aos serviços de educação e cuidado infantil por parte da sociedade como um todo – governantes, pais, empregadores, comunidades e pesquisadores. As razões que movem essa atenção são várias, amplamente apresentadas em muitos estudos, mas, em especial e o que move a realização da presente pesquisa é o fato de que se tem reconhecido, cada vez mais, a importância da aprendizagem inicial que ocorre nas escolas de educação infantil, como um direito das crianças e como possibilidade de melhoria de desempenho ao longo da vida escolar e por que não dizer da vida como um todo das pessoas.

Esse movimento vem acontecendo em vários países do mundo e com apoio das agências de pesquisa, o que possibilita pensar que muitas investigações acerca da inserção e educação de bebês, em instituições de educação infantil, inquietam os profissionais que

trabalham com a primeira infância.

As diferentes dimensões envolvidas na educação da criança pequena no contexto das sociedades modernas têm apresentado imensos desafios. Inicialmente assumidas pela família ou grupos sociais específicos – comunidades, tribos, etc. -, a tutela, a socialização e a educação da criança passam a ser compartilhadas por diversos segmentos públicos, deixando de ser uma tarefa exclusivamente privada.

Essa discussão acaba por desembocar em práticas educativas para as crianças que, durante o século XX, foram sendo influenciadas por mudanças significativas na sociedade, que dizem respeito diretamente às famílias e às crianças pequenas. Uma importante mudança realizada foi em relação ao mundo do trabalho e a organização social das famílias. As mães, a partir de determinado momento, entram no mundo do trabalho e passam a ser mão de obra necessária para as sociedades. Juntamente com esse movimento, surgem também as mudanças na família e, conseqüentemente, na vida das crianças.

No entanto, à medida que esse movimento de entrada no mundo do trabalho pelas mães vai se intensificando, surge uma nova construção acerca das crianças e a necessidade de instituições que possibilitem o cuidado adequado para elas, por um adulto que não seja sua mãe. Mesmo que isso pareça novo na história da humanidade, o cuidado materno e exclusivo nunca foi dominante, pois até mesmo essa visão de necessidade de cuidado materno exclusivo é uma construção em dado momento de determinado contexto.

Considerando esses aspectos surgem, então, serviços voltados ao atendimento das crianças, com a necessidade de provisão por parte dos governos, de financiamento, profissionais e locais adequados para o cuidado das crianças. Todas essas constatações até aqui apresentadas direcionam aos questionamentos que o presente estudo vem se propondo a investigar. Pensar em como devem ser as instituições que atendem os bebês e as crianças bem pequenas¹; qual formação devem receber os profissionais; como devem ser o tempo e o espaço de uma pedagogia para os bebês.

Porém, mesmo tendo aumentado o interesse pela educação dos bebês e das crianças bem pequenas, pela sua inserção em instituições de educação infantil cada vez mais cedo, ainda está longe de se encontrar serviços adequados, profissionais qualificados e preparados, locais pensados e elaborados para as crianças nessa fase. É preciso lembrar que o atendimento dos bebês e das crianças bem pequenas em espaços coletivos e educativos, sejam esses espaços públicos ou privados denominados historicamente de creches, pré-escolas ou escolas

1 Bebês e crianças bem pequenas corresponde a faixa etária de zero a dezoito meses. Crianças pequenas corresponde a faixa etária de zero a cinco anos – todo o tempo de educação infantil.

de educação infantil, são garantidos pela Constituição Brasileira de 1988 para crianças de zero a seis anos de idade, como dever do Estado (art. 208) e opção da família. Também a partir das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) passam a serem vistos como primeira etapa da Educação Básica que se estende pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Conforme se apresenta a lei, a inserção das crianças de zero a três anos, que antes ficavam em casa aos cuidados de uma pessoa até que tivessem *capacidade ou possibilidade* de aprender, conviver e brincar, agora passa a ser vista sob outra perspectiva. Mesmo com práticas ainda distantes do que se espera para a educação e o cuidado das crianças nessa faixa de idade, ao se defender como um direito das crianças o de existirem instituições para elas frequentarem desde zero ano de idade, cria-se um novo campo de ação para os profissionais que trabalham e estudam as crianças, em instituições de educação infantil.

Muitos aspectos estão presentes nos questionamentos que se sucedem ao aumento da procura por espaços coletivos para os bebês e as crianças bem pequenas. Porém, mesmo os estudos nesse campo crescendo e buscando por aprofundamentos, ainda existem lacunas grandes que precisam serem investigadas. Aspectos como o tipo de trabalho a ser desenvolvido com os bebês e as crianças bem pequenas nas escolas de educação infantil continuam sendo levantados e os profissionais anseiam por contribuições que os estudos possam trazer.

Nesse sentido, será apresentado no decorrer do trabalho e, mais especificamente, na metodologia, a inspiração e a postura adotadas para investigar e indicar preceitos levantados pela presente pesquisa. Com o intuito de fomentar um diálogo crítico sobre temas presentes, ao se pensar na educação da primeira infância no mundo contemporâneo, este estudo pretende contribuir para que se pense no assunto, com as seguintes questões: Qual deve ser o propósito das escolas de educação infantil dedicadas a atender as crianças de zero a dezoito meses no mundo em que estamos vivendo hoje? Como entendemos as crianças, o seu conhecimento, a sua aprendizagem e o trabalho pedagógico a ser realizado com essa faixa etária? Como se dão as interações entre as crianças e das crianças com os adultos?

Educação Infantil: um campo ainda em construção

A educação infantil como modalidade de ensino que faz parte da educação básica foi integrada recentemente ao sistema educacional brasileiro. Devido a isso, ainda é preciso construir muitos consensos e uma base sólida para se desenvolver como *lócus* de aprendizagem para as crianças. Neste momento histórico, estamos enfrentando

simultaneamente o desafio de ampliar as políticas para a educação das crianças de zero a três anos, de refletir sobre as diferentes infâncias que encontramos em nosso imenso país, de constituir pedagogias específicas para essa etapa da educação básica e de afirmar a importância do trabalho docente a ser realizado nas escolas de educação infantil.

O atendimento às crianças em espaços coletivos de educação, remete a discussão dos modos de cuidado com o outro que permeia o cotidiano da escola infantil. A educação em geral tem sido concebida, desde de sua gênese na modernidade, como sinônimo de cuidado para que o homem se converta em humano e saia do estado em que nasce como afirma Pagni (2010). A escola deve se propor a formar o homem desde seu nascimento para lidar com os desafios da vida e ingressar no mundo e na cultura. Embora a educação aponte esses princípios o que vem acontecendo ao longo da história, demonstra uma preocupação muito mais centrada em humanizar e aculturar o homem do que formá-lo para lidar com os desafios da vida. Nesse sentido, a educação das crianças pequenas envolve pensar em implicações éticas e políticas que precisam serem assumidas pelos sujeitos da práxis educativa.

Nesse campo de intersecção, que envolve o cuidado com o outro é que se configura uma escola para a infância. Os sujeitos envolvidos na educação das crianças pequenas, transitam e atuam através de suas ações que se relacionam com a repartição entre o mundo e a vida, constituindo experiências que aí emergem, forçando as práticas e os saberes advindos da escola moderna a se modificarem ou reconhecerem seus limites.

A legislação, os documentos, as propostas pedagógicas e a bibliografia, privilegiam, geralmente as crianças maiores e, conforme Brasil (2009), têm em vista a adaptação da educação infantil ao modelo convencional que orienta os sistemas educacionais gerais do país. Atualmente, os profissionais que atuam com a educação infantil, devido a complexidade que envolve essa etapa da educação básica, deparam-se com inúmeros desafios, questões e dilemas entre o que acreditam que devam fazer com as crianças e o que lhes é exigido pela legislação que define as diretrizes educacionais.

Observando esses aspectos, compreende-se que a educação das crianças de zero a três anos constitui um campo em desenvolvimento e, se tratando das crianças de zero a dezoito meses isso é ainda mais frágil.

Nesse sentido, tratar desse tema complexo, que é o trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas, causa certa instabilidade, pois conforme apresentam Dahlberg, Moss e Pence (2003) ao estudarmos a educação da primeira infância, nos deparamos com um horizonte que sempre recua diante de nós, pois à medida que caminhamos, encontramos com novas paisagens se abrindo e as que já havíamos avistado anteriormente parecem diferentes,

quando depois de um tempo olhamos para elas, novamente. Essa instabilidade domina o campo de estudos da educação infantil e se percebe isso devido ao fato de as crianças estarem sempre questionando nossa compreensão sobre elas, sobre o que podem ser e o que podem fazer.

Nesse campo de tensão e instabilidade os professores se sentem cobrados e precisando dar conta de uma série de exigências para as quais não encontram apoio e ainda não tem conhecimento desenvolvido, como por exemplo, a identidade e o gênero das crianças pequenas e suas manifestações culturais em modificação nos contextos das experiências iniciais em espaços coletivos de educação. Os professores precisam descobrir, nas formas de cuidado para como o outro, que nutre a relação com as crianças, a diferença entre as subjetividades e os modos de subjetivação implicados na ação educativa, abrangendo os modos de agir no mundo e uma atitude ética diante da vida conforme Pagni (2010). Para responder a esses questionamentos a cerca da educação das crianças pequenas, é preciso problematizar a visão de criança e de aprendizado que se tem desenvolvido ao longo do tempo.

Visões sobre a criança, a escola e o aprender

Algumas das visões de criança, embora pareçam distantes no tempo, ainda se fazem presentes em muitas das práticas direcionadas à sua educação. Nesse sentido, cabe lembrar da criança que é vista como reprodutora de conhecimentos e cultura, entendida como iniciando sua vida sem nada, como uma *tábula rasa*. Esta criança, em um tempo histórico necessitava de uma prática que pudesse deixá-la pronta para aprender e para acompanhar a escola no período obrigatório. Devido a essa concepção, a educação para a criança na primeira infância deveria ser equipada com os conhecimentos e instrumentos que a habilitassem para sua vida escolar futura, sendo treinada para que pudesse se adaptar às demandas futuras de sua educação.

As práticas pedagógicas desse tipo de trabalho estão centradas em um processo de reprodução e transmissão de conhecimentos, bem como de uma inserção da criança na cultura dos adultos. Desta forma, quando se olha para essa perspectiva de educação para a primeira infância, logo se pensa que não tem lugar para os *pequeninos* de zero a dezoito meses, que nesse período eram vistos como sendo pouco ou nada capazes de aprender, iniciando sua vida de instrução somente um pouco maiores.

Outro importante aspecto observado na história da infância é a visão da criança como

um ser inocente, essa ideia está fortemente vinculada a uma necessidade de proteção e amparo da criança por parte dos adultos, mas juntamente com esses sentimentos está associado a visão de que a sociedade corrompe a bondade com a qual as crianças nascem. Rousseau é o principal expositor dessa corrente de pensamento. No entanto, essa ideia de proteção e guarda possibilita pensar em um distanciamento do mundo, o que acaba por privar as crianças de participarem ativamente nele, o que é sem dúvida um direito delas.

Uma das construções de criança e aprendizado mais divulgadas que por muito tempo ganhou espaço na educação das crianças pequenas, é a ideia de natureza, de propriedades universais e aspectos inerentes ao desenvolvimento. Nessa abordagem, o desenvolvimento é determinado biologicamente, seguindo leis universais que indicam uma criança sob forma mais natural do que social e cultural, permeado por noções de maturidade que se apresentam por meio de estágios. Nessa perspectiva o bebê teria o status de ser dependente, que não consegue comunicar ainda seus desejos. Perante essas afirmações, novamente se levanta o questionamento de como os bebês e as crianças de zero a dezoito meses são vistos na sua possibilidade de aprender.

O fato de que na atualidade os bebês e as crianças bem pequenas estão sendo inseridos em um contexto educativo mostra uma mudança cultural que vem se configurando, e, devido a essa nova perspectiva, surgem também novas práticas culturais. Conforme coloca Rogoff (2005), o desenvolvimento humano é um processo cultural. Desta forma, nós seres humanos, uma espécie biológica, somos definidos em termos da nossa participação na cultura. “Concentro-me na participação das pessoas, nas práticas e tradições culturais de suas comunidades, em lugar de equiparar a cultura à nacionalidade ou à etnicidade dos indivíduos” (p.15).

Nos estudos que vem sendo desenvolvidos por diferentes áreas, já é perceptível uma mudança de visão em relação as possibilidades das crianças e até mesmo dos bebês em sua tenra idade. As áreas da Sociologia da Infância, Antropologia e Filosofia da crianças tem buscado outras perspectivas para os estudos sobre infância. Os pesquisadores e teóricos da Sociologia da Infância apresentam estudos que mostram como as crianças tem possibilidades de participação na cultura. Também a autora referida (op. Cit., 2005) em seus estudos sobre o desenvolvimento humano cultural, apresenta um bebês que mesmo antes de seu nascimento já está participando da comunidade em que se insere.

Os estudos de Sarmiento (2005) que aponta a infância vista a partir das potencialidades das crianças, desconstruindo imagens sociais em relação a elas, tem contribuído muito para a área. O autor apresenta um contraponto em relação a visão de infância como sendo a idade da não fala, da não razão, do não trabalho, que ele argumenta como não corretas essa afirmações.

Conforme o autor, desde bebê as crianças têm múltiplas linguagens com as quais se expressam. Isso se dá por meio de outras racionalidades para se constituir que elas vão construindo além de uma racionalidade técnico instrumental, que acontecem nas interações entre as crianças e seus corpos, envolvendo a fantasia, o afeto e a vinculação com o real. “ A infância não vive a idade da não infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche” (p.25).

Essas reflexões são pontuais em um momento que se tem assistido a uma crescente procura por espaços educacionais para as crianças de zero a três anos e nos remete a refletir e buscar por apoio as práticas realizadas nas escolas com os bebês e as crianças bem pequenas. Essas práticas estão permeadas de ações que as crianças realizam em seu cotidiano de interações que se dão entre eles e com os adultos. Apoiada nas interações as crianças vão construindo suas formas de aprender nesses espaços coletivos de convivência.

Os estudos de Barbara Rogoff (2005) destacam, também, a diversidade das formas de desenvolvimento infantil, de acordo com a cultura na qual a criança encontra-se imersa. Considerando que a aprendizagem remete à participação, a autora conclui que desenvolvimento é a transformação das modalidades de participação, esta sustentada pelos colegas, os adultos, o material, as ferramentas, enfim, toda a história da construção da atividade.

A autora apresenta que a criança ao participar na sua comunidade cultural sendo vista como uma criança “rica”, não aprende em um ato cognitivo isolado e individual. A aprendizagem é uma atividade cooperativa e comunicativa, na qual as crianças fazendo parte do mundo, constroem conhecimentos na relação com os adultos e outras crianças. Por isso, considero no momento que a criança desde bem pequena é co-construtora ativa de suas aprendizagens. Nesta perspectiva, vejo as crianças em suas experiências fazendo emergir um conhecimento que acontece na interação com seus pares, em suas comunidades.

A autora referida (op. Cit., 2005), apresenta uma ampla discussão em relação aos bebês e as crianças bem pequenas e suas aprendizagens. Para ela, os bebês nascem prontos para aprender a forma de agir das pessoas com quem convivem e isso se dá, também, através da infância o que possibilita o aprendizado da linguagem oral e de formas culturais, nas interações que estabelecem. A relação harmoniosa entre o bebê e seus cuidadores é muito importante, pois através dessa relação se inserem e participam de sua comunidade cultural.

Essa visão chama a atenção para a simetria entre desenvolvimento individual e desenvolvimento ou transformação coletiva e histórica. Não existe uma forma única de aprender, mas as sociedades propõem formas sociais e culturais variadas, sendo uma aprendizagem coletiva, inserida em uma comunidade. Desta forma, podemos apontar a

importância da educação infantil responder à complexidade da sociedade, das comunidades, das crianças e de suas famílias, em “[...] um processo interativo de diálogo e confronto entre crenças e saberes, entre saberes e prática, entre práticas e crenças, entre esses polos em interação e os contextos envolventes”. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p.15).

Um importante aspecto da educação infantil está em acompanhar as primeiras relações constituídas de interações entre a criança e o outro e os contatos com o mundo cultural. A visão de educação para a infância envolve compreender que esse momento da vida é constitutivo do processo vital do ser humano, no ato mesmo de aprender a constituir um corpo capaz de interagir com e no mundo.

A partir da reflexão exposta, torna-se possível perceber que ainda se tem muito para avançar em relação ao que é oferecido às crianças brasileiras, que esteja voltado para os estudos desenvolvidos na área da educação da infância. Acredito serem fundamentais os estudos centrados na criança, no cotidiano da escola infantil e nas relações que permeiam as práticas pedagógicas para a primeira infância. Conforme avalia Mariotto (2009), atualmente se vem ampliando a visão das escolas infantis como um lugar da infância, onde as crianças em interação estão aprendendo a ser e a fazer parte do mundo. Considero, neste momento, que é função privilegiada do campo educativo propiciar o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças pequenas, o que envolve avaliar a infância como um tempo de grandes descobertas, fundamentais para a vida.

Como deve ser a escola para os bebês e as crianças bem pequenas?

O que os espaços educacionais coletivos vêm proporcionando aos bebês, durante a convivência diária com outros bebês e com adultos? Certamente, não podemos desconsiderar que ocorrem com os bebês aspectos diversos em sua formação ao conviverem uns com os outros e com os adultos, nos espaços coletivos de educação e cuidado.

Refletir sobre o modo de realizar a formação de bebês e crianças bem pequenas, em espaços de educação coletiva, significa repensar as concepções acerca de uma escola da infância. Ao mesmo tempo, impõe considerar quais são suas funções, de que maneira deve se organizar e como deve ser direcionada a proposta pedagógica. Outro aspecto a considerar é o que os bebês solicitam às educadoras em termos de uma pedagogia que contemple ações complexas e contextualizadas, que seja pautada em princípios que se sustentam nas relações, nas interações e nas práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências e seus processos de aprendizagem.

Culturalmente, devido à história das diversas concepções acerca da criança (ou da

infância) no percurso da humanidade, pouco se acredita, ainda hoje, nas possibilidades de interação e aprendizado dos bebês e das crianças bem pequenas de zero a dezoito meses. Durante muito tempo, se acreditou que entre as crianças dessa idade não ocorressem interações significativas e que os mesmos não agissem sobre a cultura, sendo apenas receptores passivos da cultura onde estivessem inseridos. Porém, o ser humano e, mais especificamente, as crianças têm questionado essa forma de conceber sua presença no mundo. Muitas questões vêm inquietando pesquisadores e professores ao acompanharem as crianças em seu aprendizado, na sua relação com o mundo e com a cultura. Devido a isso, o campo de estudo centrado na infância vem sendo revisado e ampliado. Ao conviver com os bebês, as crianças bem pequenas e professores na escola infantil, é possível afirmar que essa convicção vem sendo questionada.

O adulto que está com as crianças precisa ultrapassar por vezes seus conceitos amarrados e cristalizados no modo de ver e de estar com as crianças. Seria o mesmo que pensar em ser um narrador das próprias histórias vividas com as crianças, abandonando seu papel pedagógico estrito senso, por assim dizer, para assumir um papel de educador que é narrador do próprio fazer, de suas concepções, encarnadas em seu corpo e tornadas visíveis em suas ações, condutas, facilidades e dificuldades. Dessa forma, se poderia dizer que a maneira de olhar a criança corresponde a um jeito de ser e de estar do adulto, emoldurando a convivência entre eles.

O professor de crianças, por vezes, parece-se um pouco com Ulisses e com seus comandados: ou não ouve as crianças ou, se resolve ouvi-las, amarra-se antes ao mastro. Assim, de um modo ou de outro, sua didática permanece surda ao universo infantil.

(OLIVEIRA, 2008, p.254)

Alguns aspectos relevantes se apresentam para o trabalho realizado com os bebês e as crianças bem pequenas. A sociedade como um todo vem sendo envolvida pela modificação de um panorama produzido por pesquisas que se preocupam em divulgar resultados sobre a vida e a aprendizagem das crianças bem pequenas, como nos apresenta Brooker (2010):

A década passada forneceu provas inteiramente novas sobre o desenvolvimento do cérebro no período de bebê e durante os anos pré-escolares; sobre as formas mais eficientes e adequadas de educação infantil; sobre o impacto das experiências iniciais nas disposições e atitudes que levamos para o restante da nossa vida; sobre o papel do trabalho em parceria com os pais; e sobre a importância das transições para moldar a vida das crianças e o caminho que seu desenvolvimento seguirá. (p.19)

Essas colocações que as pesquisas desse porte fazem, acabam direcionando novas políticas e diretrizes para o atendimento das crianças nas escolas de educação infantil. O que se percebe é que muitas vezes essas políticas saem do papel para a prática sem que tenham passado por um debate mais aprofundado, envolvendo os profissionais da área.

Então, os dilemas são muitos! Embora esses estudos possam apontar novas e importantes perspectivas, também podem – que é o mais comum na nossa realidade – apontar a importância de uma educação infantil para desenvolver aspectos de estruturas mentais e cognitivas para uma vida escolar futura. Outro dilema se deve ao fato de que a maioria das pessoas que trabalham com bebês e crianças bem pequenas não ficam sabendo da origem e da forma como esses estudos são desenvolvidos. Ainda se pode afirmar que poucos profissionais conhecem estudos atualizados e, quando conhecem, pouco sabem como utilizar esse conhecimento.

A medida que vão sendo incorporados os discursos dominantes influenciam uma perspectiva dedicada à infância – a organização das instituições, as relações entre as crianças e os professores, entre elas mesmas e entre elas e os pais. O que essas perspectivas apontam como necessidade têm por trás a consideração da criança como reprodutora de cultura, identidade e conhecimento. O desafio para as escolas de educação infantil pauta na prontidão da crianças para aprender na escola de ensino fundamental. Esse discurso pode erroneamente ganhar força com estudos que apontam o quanto a criança é capaz de desenvolver-se nessa fase da vida e, desta forma, desconsiderar aspectos que realmente proporcionam a riqueza dessa etapa da educação.

Frente a essas afirmações é que se busca estudar a escola em que os bebês e as crianças bem pequenas vão participar, os processos de acolhimento dessa criança que vai estar em atividade no mundo; é ver e conceber o ser que é sujeito da aprendizagem como um ser-no-mundo que, através de sua subjetividade, estabelece suas experiências desde muito cedo. Ao mesmo tempo, impõe considerar quais são as funções dessa escola, de que maneira deve se organizar e qual deve ser a proposta pedagógica.

Para evitar o risco de fazer da educação infantil uma escola elementar simplificada, torna-se necessário reunir forças e investir na proposição de outro tipo de escola para a educação infantil. Inicialmente, seria propor um lugar que tenha como foco a criança e como opção pedagógica a oferta uma experiência de infância potente, que se preocupa com as crianças, adultos educadores, famílias, envolvendo todos em contexto complexo que se configure como lugar de acolhimento, para educar e cuidar das crianças, compartilhando com as famílias o processo de educar as crianças pequenas.

O trabalho docente com bebês: um cotidiano recheado de sutilezas

A presente pesquisa parte do entendimento de que educar bebês em ambientes coletivos é uma profissão que tem a marca da sutileza como uma de suas características. A medida que fui observando e convivendo com as rotinas das turmas de bebês e professoras, foram ficando mais evidentes essas sutilezas, que muitas vezes passam quase imperceptíveis ao olhar do pesquisador.

Uma das sutilezas está na capacidade de a professora perceber os gestos, olhares, as emissões vocais, o silêncio, entre outras expressões da linguagem das crianças. São ações que estão presentes em atos cotidianos que, aparentemente, são pouco significativos, mas que revelam a importância do trabalho docente com bebês.

Tristão (2006) em sua pesquisa de mestrado, com o intuito de conhecer a prática profissional de professoras e auxiliares que atuam com os bebês em creches conveniadas, apontou duas concepções de bebê nas professoras pesquisadas. Sendo elas: (a) uma concepção de bebê que ultrapassa o modelo da criança como um ser incompleto e dependente, do qual já se sabe tudo a respeito. Desta forma, a postura da professora com relação aos momentos da rotina do berçário, levava em conta os anseios dos pequenos; (b) em posição contrária a essa, a professora tinha pouca crença na capacidade de aprendizagem dos bebês, nas suas possibilidades de comunicar suas vontades e necessidades. Nesse grupo, observou que os bebês foram pouco acolhidos em seus momentos de choro, não havendo uma preocupação em compreender o que eles estavam comunicando com suas posturas corporais e expressões vocais.

Dessa forma, outro aspecto que o presente estudo investiga diz respeito à postura que deve ser adotada pelos educadores em relação ao bebê e suas possibilidades de aprendizagem. Em relação a essa perspectiva, o estudo apresenta a seguinte proposição: os bebês, que se encontram em ambientes educativos, constroem aprendizagem em suas interações as quais promovem:

- A construção de vínculos com outros bebês e adultos;
- Experiências;
- Participação na cultura;
- Construção de significados.

Para refinar esse olhar, procuramos verificar como o ambiente influencia os processos interativos entre os bebês e os adultos. Buscamos também identificar os processos de

construção simbólica nos bebês e crianças bem pequenas.

Estudando os bebês através de uma etnografia fenomenológica

A seguir, apresento a configuração mais detalhada da pesquisa, demonstrando a orientação que vem norteando a geração de dados. Pretendo definir uma abordagem metodológica que busque a aproximação entre a fenomenologia e a etnografia, de forma que possibilite o desenvolvimento harmonioso do estudo pretendido.

Para esta atividade de pesquisa, o caminho metodológico escolhido foi o de um estudo etnográfico, considerado apropriado à interpretação da ação nos contextos educativos. Esse tipo de investigação tem, para Sarmiento (2003, p. 152), “uma perspectiva interpretativa e crítica que se centra nos fenômenos simbólicos e culturais das dinâmicas de ação no contexto organizacional da escola”.

A fenomenologia e a etnografia apresentam diferenças em seu método de investigação. Mas cabe questionar:

- Até que ponto as metodologias são distintas?
- Até que ponto a aplicação dessas metodologias não as redefine de acordo com o objeto ou o campo de investigação?

Do ponto de vista epistemológico, entendo que a etnografia tem como foco a explicitação dos conteúdos culturais da perpetuação e transformação a cada instante do ser humano. Conforme Geertz (1989), o etnógrafo inscreve o discurso social: ele o anota. “Ao fazê-lo, ele transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em uma inscrição e que pode ser consultado novamente” (GEERTZ, 1989, p.29).

A Fenomenologia, na medida em que também se preocupa em explicitar aspectos culturais, não se restringe a um foco específico, estando aberta para buscar a compreensão de todos os fenômenos emergentes, relacionados ao fenômeno estudado. Em uma compreensão de homem-mundo, onde o homem é feito do mesmo estofado do mundo, o mundo é homem e o homem é mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). O método fenomenológico deixa de ser fenomenológico se ele se fecha em um foco a priori, pois sua característica primordial é a de estar aberto, deixar emergir o fenômeno mesmo.

Porém, ambas as abordagens apresentam a descrição densa como método de análise e apresentação dos dados. Com uma postura que converge, defendem que o pesquisador precisa ter clareza de seu envolvimento e não distanciamento do que estuda, precisando

primeiramente apreender para depois apresentar seus dados. Assim, através da observação participante, ou sendo mais ousada, interventiva, como instrumento integrante do método fenomenológico, busco introduzir a possibilidade de apreender sobre o fenômeno estudado em uma tentativa de alcançar a compreensão da experiência vivida dos bebês e suas educadoras no cotidiano das escolas estudadas.

Sendo assim, a pesquisa vem se desenvolvendo da seguinte forma: aplicando o método fenomenológico, utilizando dois instrumentos – a entrevista fenomenológica – integrante do método fenomenológico tradicional e o diário de campo, fruto da observação participativa – integrante do método etnográfico, realizada na imersão do pesquisador no campo de investigação.

Esse tipo de investigação tem, para Sarmiento (2003, p. 152), “uma perspectiva interpretativa e crítica e que se centra nos fenômenos simbólicos e culturais das dinâmicas de ação no contexto organizacional da escola”. Esta visão indica a necessidade de uma nova postura, na qual haja uma escuta mais atenta aos movimentos dos humanos e à criação de novos repertórios de mediação pedagógica. Pretendo constituir uma ferramenta capaz de auxiliar tanto nos procedimentos de investigação como na compreensão do homem como ser do mundo e da cultura e, mais especificamente, dos bebês.

Procedimento de geração dos dados

Os dados empíricos desta investigação estão sendo coletados a partir de uma abordagem configuracional, através de:

- a) observações das dinâmicas cotidianas de duas turmas de bebês. Centrando o olhar sobre as brincadeiras e as interações que os bebês realizam, com suas diferentes linguagens. Essas observações estão sendo sistematizadas e analisadas a partir da escrita de diários de campo, fotografia e filmagens.
- b) análise do contexto social e cultural, possibilitando uma relação de dados que leve à compreensão da realidade local – estes dados não serão vistos de forma isolada e sim relacionados ao contexto onde estão inseridos esses bebês, servindo de pano de fundo para as interpretações posteriores;
- c) entrevistas com a dupla de educadoras de cada turma. Essa coleta está sendo realizada através de uma entrevista aberta, com a narrativa das educadoras sobre os aspectos estudados. Para a realização dessa entrevista narrativa, está sendo exibido para as educadoras as filmagens feitas dos momentos de interação dos bebês e das crianças bem pequenas com elas.

A presente pesquisa vem se desenvolvendo e gerando dados ao observar os bebês e suas

professoras em duas escolas infantis da rede municipal de Porto Alegre, nas turmas de berçário I e berçário II.

Resultados Preliminares

Através dos dados gerados até o momento é possível apontar que os objetivos para o trabalho pedagógico precisam ser amplos, tendo em vista a evolução de cada criança na sua relação com os outros e consigo, nas suas potencialidades e limites.

As características dos bebês e das crianças bem pequenas exigem que o cotidiano seja muito bem planejado, pois há um grande dinamismo e diversidade no grupo. Enquanto duas crianças dormem, uma quer comer, outra brinca, outro bebê chora e outro precisa ser trocado. Toda essa diversidade, exige atenção permanente do adulto à segurança das crianças, através de um conjunto de fatores ambientais e relacionais, para efetivamente dar conta das suas singularidades. A criação de espaços pedagógicos, de materiais e a construção de situações didáticas que desafiem e contribuam para o desenvolvimento das crianças exige preparo, conhecimento e disponibilidade das professoras.

Nas observações realizadas até o momento foi possível analisar que os bebês e as crianças bem pequenas buscam partilhar momentos recheados de interações significativas. Essas interações se dão através do toque, do olhar, do choro para reclamar, do movimento e das emoções que eles expressam ao conviverem uns com os outros.

Outro aspecto que se mostrou importante na observação é a forma como constroem significados sempre apoiado nas interações e experiências vividas no contexto do grupo. Nesse sentido, é possível destacar um fator de grande relevância nos estudos sobre interações entre bebês: o fato de que a produção de significados se dá no âmbito das relações humanas, que é o domínio social humano.

Concluí preliminarmente que os objetivos para o trabalho pedagógico precisam serem amplos, tendo em vista a evolução de cada criança na sua relação com os outros e consigo mesma, nas suas potencialidades e limites. O tempo/espaço destinado às situações de aprendizagem precisa compreender, pois, o ritmo de cada bebê. Sendo assim, precisa ser flexível e amplo.

Sob esse olhar, a subjetivação se faz presente, sendo composta pelas individualidades que constituem o grupo dos bebês e o grupo das crianças bem pequenas pela ação de cada um deles nas suas relações entre si e com o mundo, nas quais vão criando e recriando sentido para suas construções e aquisições. Com isso, vê-se o ser humano constituir-se através das

relações, mas considerando que ele não é só relação – “ele tem pensamento, tem fantasia, tem espaços pessoais que vivencia fora das relações. Ele tem capacidade geradora própria, tem capacidade de assumir posições próprias e de produzir novos focos de subjetivação social através de sua ação” (González Rey, 2004, p.62).

Com apoio nessas ideias, reafirmamos até o momento a proposição deste estudo, que considera as crianças de zero a dezoito meses como seres ativos e competentes que podem se desenvolver e aprender produzindo desde muito cedo interações, construindo significados e participando ativamente de seus contextos sócias e culturais.

Referências

- BRASIL. Relatório de pesquisa: *Mapeamento e análise das propostas pedagógicas municipais para a educação infantil no Brasil*. Projeto de Cooperação Técnica MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 22 dez. 2010.
- BROOKER, Liz. Modificando o Panorama da Infância Inicial. In. MOYLES, J. e col. *Fundamentos da Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan R. *Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GONZÁLEZ REY, F. L. Sobre a rede de significações, o sentido e a pessoa: uma reflexão para o debate. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. & CARVALHO, A. M. A. (Orgs). *Rede de significações: e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MARIOTTO, ROSA M. M. *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta, 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA-FORMOZINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In.: *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OLIVEIRA, P. R. Filosofia e infância: entre o imprevisto e a criação. In. BORBA, S.; KOHAN, W. (orgs.) *Filosofia, aprendizagem e experiência*. Belo Horizonte: Atênica, 2008.
- ROGOFF, Barbara. *Observando a atividade sociocultural em três planos: apropriação participatória, participação guiada e aprendizado*. In: WERTSCH, J. V.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. (Orgs). *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre: Artmed. 1998.
- _____. *A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed. 2005.
- ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SARMENTO, Manuel. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília; TEIXEIRA, Rita A. (Org.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.137-182.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. *Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. Refletindo em*

torno de uma proposta de trabalho. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005.

TRISTÃO, F. C. D. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: MARTINS, Altino José. *Infância Plural: crianças do nosso tempo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.